



Crise e Renovação da Psicologia: Convergências entre Husserl e Farias Brito

Gabriel Fonseca Rezende¹
Tommy Akira Goto²

Resumo: A Psicologia pode ser compreendida como uma ciência dotada de um campo de conhecimento plural, que investiga os fenômenos psicológicos. No entanto, enquanto ciência, pode-se afirmar que ela atravessa uma crise — não quanto à sua cientificidade moderna, mas quanto ao próprio sentido de ser ciência. A explicitação dessa crise, e os caminhos para sua superação, foram delineados pelo filósofo alemão Edmund Husserl e pelo filósofo brasileiro Raimundo de Farias Brito. O objetivo deste estudo é apresentar e relacionar ambos os autores quanto: (i) ao diagnóstico da crise; (ii) às consequências dessa crise para a Psicologia; (iii) às propostas de superação (o método fenomenológico e o método introspectivo); e (iv) à presença, em ambos, de um projeto de fundação de uma nova psicologia (Fenomenológica e Transcendente). Busca-se evidenciar como a filosofia britana guarda semelhanças estruturais com a filosofia husserliana, bem como investigar possíveis razões dessas convergências. O método empregado consistiu em uma revisão bibliográfica teórica do material pertinente ao tema. Foi possível estabelecer aproximações entre a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Farias Brito, mostrando como ambos identificam a crise das ciências, e da Psicologia em particular, e propõem um novo método e uma nova psicologia, não mais orientada pelo materialismo. Conclui-se, por fim, que duas razões possíveis para as semelhanças entre os autores são: a crítica conjunta ao Positivismo e a busca comum pelo reavivamento do sentido e do significado, isto é, das essências (eidos) e do espírito.

Palavras-chave: Husserl; Farias Brito; Psicologia.

Crisis and Renewal in Psychology: Convergences between Husserl and Farias Brito

Abstract: Psychology can be understood as a scientific field characterized by its plurality of approaches to the investigation of psychological phenomena. Yet, as a science, it can be said to face an ongoing crisis — not regarding its modern scientific legitimacy, but concerning the very meaning of what it means for psychology to be a science. The articulation of this crisis, as well as possible pathways toward its overcoming, were outlined by the German philosopher Edmund Husserl and by the Brazilian philosopher Raimundo de Farias Brito. The aim of this study is to compare both authors with respect to: (i) their diagnosis of the crisis; (ii) the consequences of this crisis for Psychology; (iii) their proposed solutions (the phenomenological and introspective methods); and (iv) their shared intention of founding a new form of psychology (Phenomenological and Transcendent). The study also examines structural similarities between Brito's and Husserl's philosophical projects and explores possible reasons for these convergences. Methodologically, this research consists of a theoretical bibliographic review of the relevant literature. Connections can be drawn between Husserl's phenomenology and Farias Brito's philosophy, showing that both identify a crisis of the sciences — and of Psychology in particular — and advocate for a renewed method and a renewed psychology no longer oriented by materialist assumptions. It is argued that two factors may account for the

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: gabrielfonsecarezende@gmail.com

² Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência pela pontificia universidade católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: tommy@ufu.br

similarities between the authors: their shared critique of Positivism and their common effort to recover sense and meaning, that is, essences (eidos) and spirit.

Keywords: Husserl; Farias Brito; Psychology.

Crisis y Renovación en la Psicología: Convergencias entre Husserl y Farias Brito

Resumen: La Psicología puede ser entendida como un campo científico caracterizado por la pluralidad de enfoques dedicados a la investigación de los fenómenos psicológicos. Sin embargo, en cuanto ciencia, puede afirmarse que atraviesa una crisis en curso: no respecto a su legitimidad científica moderna, sino respecto al sentido mismo de lo que significa que la Psicología sea una ciencia. La articulación de esta crisis, así como las posibles vías para su superación, fueron delineadas tanto por el filósofo alemán Edmund Husserl como por el filósofo brasileño Raimundo de Farias Brito. El objetivo de este estudio es comparar a ambos autores en relación con: (i) el diagnóstico de la crisis; (ii) sus consecuencias para la Psicología; (iii) las propuestas de superación (el método fenomenológico y el método introspectivo); y (iv) la presencia, en ambos, de un proyecto de fundación de una nueva psicología (Fenomenológica y Trascendente). Además, se analizan las similitudes estructurales entre los proyectos filosóficos de Husserl y Farias Brito, así como posibles razones de dichas convergencias. Metodológicamente, la investigación consiste en una revisión bibliográfica teórica de la literatura pertinente. Es posible establecer conexiones entre la fenomenología husserliana y la filosofía de Farias Brito, mostrando que ambos identifican una crisis de las ciencias — y de la Psicología en particular — y defienden la necesidad de un método y una psicología renovados, ya no orientados por supuestos materialistas. Se sostiene que dos factores pueden explicar las similitudes entre los autores: la crítica compartida al Positivismo y la búsqueda conjunta de un reavivamiento del sentido y del significado, es decir, de las esencias (eidos) y del espíritu.

Palabras clave: Husserl; Farias Brito; Psicología.

1 Introdução

No início do século XX, o êxito do Positivismo e a consolidação do método experimental nas ciências naturais exerceram profunda influência sobre os estudos acerca do ser humano. Nesse cenário, a Psicologia surgiu como um dos primeiros domínios do saber filosófico a adotar o ideário positivista, transpondo para o campo psíquico o modelo das ciências exatas. O resultado foi a constituição de uma Psicologia Científica, baseada em laboratórios, procedimentos experimentais e na crença de que os fenômenos mentais poderiam ser explicados por leis objetivas. Embora essa guinada materialista tenha possibilitado avanços metodológicos significativos, ela também produziu uma ruptura com a dimensão subjetiva e espiritual da experiência humana. Ao tentar objetivar o homem, a Psicologia acabou se afastando justamente de seu objeto originário: a consciência (Martin Sala, 2018).

O predomínio do Positivismo reduziu a compreensão da vida psíquica à mensuração de fatos observáveis, ignorando o sentido e a finalidade do agir humano. A crise resultante foi não apenas epistemológica, mas também cultural e ética, pois a ciência, ao negligenciar o significado do humano, passou a contribuir para o esvaziamento de valores e de sentidos. Diversos filósofos identificaram essa crise, entre eles Edmund Husserl (1954/2012) e Raimundo de Farias Brito (1914/2013), que, em diferentes contextos históricos, denunciaram o esgotamento das ciências modernas e propuseram uma renovação tanto da ciência quanto da Psicologia.

Para Husserl (1954/2012), a crise das ciências decorre da perda de seu fundamento originário: o mundo-da-vida (*Lebenswelt*), isto é, o mundo cotidiano e pré-científico, tal como é imediatamente percebido pela consciência (Husserl, 1935/2008). A objetivação excessiva levou o conhecimento a se distanciar das vivências concretas, transformando o ser humano em mero espectador da realidade (Branco, 2024). Em resposta a esse afastamento, o filósofo desenvolveu a Fenomenologia Transcendental, uma ciência rigorosa das essências que busca descrever os fenômenos exatamente como aparecem à consciência. Nessa perspectiva, a Psicologia deve ser repensada a partir da correlação entre sujeito e mundo, resgatando a experiência vivida como fonte primordial de sentido e de verdade.

De modo análogo, Farias Brito (1914/2013) identificou na cultura moderna uma “grande escuridão”, isto é, uma crise espiritual provocada pelo materialismo e pelo ceticismo. Crítico do positivismo e do criticismo kantiano, o filósofo brasileiro sustentou que a realidade não pode ser reduzida à matéria e que a compreensão da existência requer o reconhecimento do espírito como princípio constitutivo do ser. Propôs, assim, uma Psicologia Transcendente, ciência voltada ao estudo do espírito e de sua relação com a totalidade da existência. Para Brito, o autoconhecimento é o caminho para o domínio de si e, conseqüentemente, para o domínio da natureza, concebendo-se em um projeto ético, metafísico e educativo.

Dessa forma, tanto Husserl (1954/2012) quanto Farias Brito (1914/2013) partem de um diagnóstico semelhante: a ciência moderna perdeu sua base humana e espiritual. Ambos reconhecem, portanto, a necessidade de uma renovação da Psicologia, concebendo-a não mais como uma ciência positiva dos fatos, mas como um saber orientado à compreensão do sentido da experiência. Apesar das diferenças de método e de vocabulário, suas propostas convergem na tentativa de restaurar a centralidade da subjetividade e de reconciliar ciência, filosofia e humanidade.

O presente artigo, portanto, tem por objetivo analisar os projetos de criação de uma nova Psicologia em Edmund Husserl e em Farias Brito, evidenciando suas convergências e

divergências conceituais. Busca-se, especialmente, compreender os encontros teleológicos e motivacionais entre ambos, isto é, as intenções filosóficas que guiaram suas reflexões. Para tanto, procedeu-se a uma investigação de natureza qualitativa e teórico-bibliográfica, fundamentada em leituras diretas das obras *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (Husserl, 1954/2012) e *O Mundo Interior* (Brito, 1914/2013), bem como de comentadores como Almada (2009), Bello (2006), Goto (2015), Martin Sala (2018), Rodrigues (2018) e Sturm (1962).

A pesquisa foi conduzida segundo um procedimento racional e sistemático, próprio das investigações teórico-bibliográficas, cujo propósito é oferecer respostas consistentes a problemas filosóficos por meio da análise crítica de textos fundamentais (Gil, 2002; Lima; Miotto, 2007). Partindo da formulação clara do problema (as convergências e divergências entre a Psicologia Fenomenológica e a Psicologia Transcendente) desenvolveu-se uma leitura exploratória e interpretativa das fontes primárias e secundárias. A leitura foi guiada pela atenção ao contexto histórico e ao horizonte epistemológico de cada autor, de modo a preservar o sentido interno de seus conceitos e o movimento próprio de suas obras.

A etapa analítica seguiu o princípio fenomenológico da descrição antes da explicação, privilegiando a reconstrução do pensamento de Husserl e Brito a partir de seus próprios termos e categorias, para, em seguida, proceder à interpretação comparativa e à síntese integradora (Lima; Miotto, 2007). Essa abordagem possibilitou identificar os eixos conceituais e motivacionais comuns, como a crítica ao positivismo, a crise das ciências e a busca por uma psicologia que restitua o sentido do humano, bem como os limites e diferenças entre suas propostas de renovação.

Pretende-se, assim, evidenciar que a crise da Psicologia denunciada por ambos é também expressão de uma crise do humano, e que a renovação proposta por Husserl e Brito constitui um esforço de reconciliação entre razão e espírito, ciência e filosofia, objetividade e subjetividade. Essa convergência permite compreender a originalidade de suas contribuições e o alcance filosófico de suas propostas para a reconstrução de uma Psicologia verdadeiramente humana.

2 Renovação da Psicologia por Husserl: a Psicologia Fenomenológica

O desenvolvimento da Fenomenologia de Edmund Husserl não seguiu uma linha reta, mas um movimento em espiral, no qual cada conceito se justifica por meio de um retorno constante aos anteriores (Goto, 2015). Esse caráter de autocrítica permanente explica por que

o filósofo publicou relativamente pouco em vida, sempre empenhado em reelaborar e aprofundar suas próprias ideias. A complexidade do projeto fenomenológico reflete justamente essa busca por uma clareza rigorosa, uma filosofia que nunca se conclui, mas permanece em contínua revisão (Martin Sala, 2008).

Husserl inicia seu percurso investigando os fundamentos da lógica e da psicologia (Renaudie, 2021; Ferreira, 2021). Ele constata que o psicologismo, ao reduzir a verdade a fatos psicológicos, conduz inevitavelmente ao relativismo, pois, se a verdade dependesse de atos mentais variáveis, seria tão mutável quanto eles (Martin Sala, 2018, Lauer, 2021; Porta, 2021; Natário, 2022). Por isso, o filósofo propõe um retorno às condições originárias do conhecimento, interrogando como o ser humano conhece e, consequentemente, o que o constitui enquanto ser consciente (Bello, 2006).

Compreender o processo do conhecer humano permitiria esclarecer também as ciências particulares, como o Direito, a História ou a Psicologia. Nessa perspectiva, a Fenomenologia oferece uma base epistemológica que ultrapassa o empirismo e o intelectualismo. Como observa Merleau-Ponty (1945/1999), ambos os polos, o empirista e o idealista, isolam aspectos do real: o primeiro reduz a consciência à passividade diante do mundo, o segundo dissolve o mundo na consciência. A Fenomenologia busca superar essa cisão, descrevendo a correlação entre sujeito e objeto como uma unidade indissociável.

O conceito de intencionalidade é o eixo dessa superação (Kuravsky, 2021; Loundo, 2022; Gyemant, 2021; Korelc, 2023). Herdado de Franz Brentano (1838), Husserl o reformula profundamente, compreendendo que a consciência não é uma substância isolada, mas um fluxo de vivências direcionadas a algo: toda consciência é “consciência de alguma coisa” (Husserl, 1907/2000). Isso implica uma correlação entre o ato de consciência (*noese*) e o objeto intencionado (*noema*). “O cogito, como ato de consciência, não existe separadamente do cogitatum” (Cavalieri, 2013, p. 92).

Essa correlação inaugura o campo próprio da Fenomenologia. Como afirma Husserl (1954/2012), o *a priori* da correlação entre objeto e modo de aparecimento orientou toda a sua vida filosófica. Antes de qualquer conhecimento empírico, existe uma relação originária entre sujeito e mundo que é a condição de possibilidade de toda experiência. A consciência intencional, portanto, é inseparável do mundo real, pois não há objeto sem consciência que o signifique, nem consciência sem objeto que a mobilize (Goto, 2015).

A partir dessa base, Husserl concebe a Fenomenologia como uma “ciência do fenômeno” ou “fenomenologia pura”, cujo propósito é descrever as vivências tal como se dão à consciência, sem pressupor a existência ou inexistência dos objetos nelas intencionados

(Husserl, 1913/2006). Essa investigação não se ocupa dos fatos empíricos, mas das essências das vivências, isto é, do modo como algo se manifesta à consciência. Em termos fenomenológicos, a vivência (*Erlebnis*) é o aparecer do sentido na própria experiência intencional, não o fato empírico mensurável, mas o modo como algo se apresenta à consciência como significado, razão pela qual sua descrição deve preceder qualquer explicação causal. Como lembra Zilles (2002), o fenômeno é “tudo o que intencionalmente está presente à consciência, sendo para esta uma significação” (p. 7).

A distinção fundamental proposta por Husserl está entre o que aparece e o modo de aparecer. O fenômeno, enquanto “vivência da aparição”, não é a coisa percebida, mas o próprio aparecer da coisa. Essa ênfase desloca o foco da realidade exterior para a análise da experiência de manifestação, o modo como o mundo se dá à consciência (Alves, 2022). O fenômeno é, portanto, o elo entre o sujeito e o mundo, e sua investigação é o caminho para alcançar as essências invariantes do vivido (Husserl, 1900/2007; Seron, 2021; De Santis, 2021).

Para realizar tal análise, Husserl introduz o método da redução fenomenológica (*epoché*). Trata-se de suspender os juízos sobre a existência dos objetos e concentrar-se no modo como eles se manifestam à consciência (Carvalho, 2024; Drummond, 2021). Essa suspensão não é a dúvida cética, mas um “colocar entre parênteses” o mundo natural para apreender o fenômeno em sua pureza (Martin Sala, 2018; Crowell, 2021). Assim, o método fenomenológico não elimina a subjetividade; ao contrário, revela-a como fundamento de toda objetividade (Miron, 2021).

A redução eidética e a redução transcendental completam esse processo. A primeira visa captar as essências, retornando “às coisas mesmas”, enquanto a segunda reconduz a consciência a si mesma, à subjetividade pura (Fontana, 2024). Por meio dessa última, a Fenomenologia se torna Fenomenologia Transcendental, ciência da subjetividade que constitui o mundo e dá origem a todo sentido (Husserl, 1931/1950; Goto, 2015).

Husserl (1954/2012) identifica o afastamento da Psicologia empírica de seu objeto essencial: a consciência (Solarte-Aragón, 2024). Ao assumir o naturalismo, essa Psicologia reduziu o ser humano a processos mensuráveis e negligenciou o mundo-da-vida, distanciando-se da experiência vivida (Brito, 1914/2013). A Fenomenologia oferece uma abordagem inversa, propondo a *epoché*, isto é, o ato de “colocar entre parênteses” as pressuposições naturalistas e empíricas para descrever os fenômenos tal qual apresentam à consciência. A partir disso, Husserl indica que a Psicologia deve centrar-se nas vivências intencionais e nas estruturas universais dessas experiências, constituindo um conhecimento

rigoroso das essências do psíquico, sem recorrer a explicações causais ou reducionismos materialistas (Ferraguto, 2021; Vargas-Guillén, 2024).

A Psicologia Fenomenológica, nesse sentido, não substitui a Psicologia empírica, mas a fundamenta, oferecendo-lhe uma base epistemológica (Yoshimi, 2021). Seu objetivo é esclarecer os conceitos, eliminar a pretensão naturalista e reintroduzir o sujeito no centro da investigação. Como observa Goto (2015), ela se torna “uma ciência universal da subjetividade psíquica” (p. 233), propedêutica à própria Fenomenologia Transcendental (Almeida; Goto, 2022). Desse modo, Husserl propõe não apenas um método, mas um projeto de renovação da Psicologia, reconciliando-a com o espírito científico e filosófico em sua dimensão mais autêntica.

3 Renovação da Psicologia por Farias Brito: a Psicologia Transcendente

Raimundo de Farias Brito (1862) foi um dos principais filósofos brasileiros do início do século XX. Seu pensamento emerge da crítica ao predomínio do materialismo e do ceticismo na modernidade, buscando restaurar a centralidade do espírito na compreensão do homem e do mundo. Influenciado por precursores nacionais como Tobias Barreto (1839) e Gonçalves Dias Magalhães (1811), Brito desenvolveu uma filosofia voltada à investigação da interioridade e da moralidade, considerando o autoconhecimento como fundamento da vida ética e do progresso humano (Cerqueira, 2008).

Farias Brito opôs-se frontalmente tanto ao criticismo kantiano quanto ao positivismo comtiano. Para ele, Kant conduz ao ceticismo ao limitar o conhecimento da coisa-em-si, enquanto o positivismo se torna dogmático ao negar qualquer realidade do espírito, reduzindo tudo à matéria. Se o ser humano fosse apenas corpo, não haveria fundamento para a liberdade nem para a moral. Brito (1914/2013) argumenta que essa exclusão do espírito constitui uma contradição: negar a matéria só pode ser um ato de um espírito que nega, de modo que a supressão do espiritual em nome da matéria é logicamente inconsistente. O resultado desse erro é a “grande escuridão”, a crise espiritual e moral da humanidade.

A superação dessa crise exige o retorno ao conhecimento de si, pois “o princípio dos princípios e a verdade das verdades” está na consciência humana (Brito, 1914/2013, p. 52). O autodomínio do espírito é, para Brito, condição de toda moral, já que “a moral não é uma ciência, mas um governo [...] a consciência mesma interpretando a realidade e ditando leis à nossa conduta” (Brito, 1912/2006, p. 111). Assim, o conhecimento de si é simultaneamente

epistemológico e ético: conhecer-se é ordenar-se interiormente para poder agir de modo justo no mundo.

A partir dessa base, Brito procura resolver a clássica questão filosófica da coisa-em-si. Contra Kant, que a considerava incognoscível, e contra Schopenhauer, que a identificava à vontade, o filósofo brasileiro afirma que a coisa-em-si é o espírito, o princípio consciente e ativo que fundamenta toda realidade. Em relação a Kant, Farias Brito argumenta que qualquer pensamento baseado apenas na ideia de representação e de fenômeno recai no psicologismo (Brito, 1914/2013).

A questão que se segue é: o que seria o conhecimento científico de um objeto senão a sua representação na linguagem científico-matemática? Não seria um contrassenso criticar a cognoscibilidade da “coisa-em-si” com base na representação, sendo que a própria ciência positiva produz meras representações? Brito contrapõe-se a essa perspectiva e afirma que essa “concepção é falsa. Há como elementos constitutivos do conhecimento não três, mas somente dois princípios: a consciência em nós e os corpos [...] quanto ao que se chama representação, é já o conhecimento mesmo” (Brito, 1914/2013, p. 301).

Quanto à proposição de Schopenhauer, Brito (1914/2013, p. 341) nos diz que “não: a coisa em si não é a vontade, ou pelo menos não é a vontade somente, mas o que em cada ser se manifesta como subjetividade [...] ou, para empregar a palavra definitiva [...] o espírito”. “A vontade só pode ser conhecida por intermédio da consciência. É, portanto, na consciência que devemos procurar a razão última das coisas” (Carvalho, 1977, p. 29). O espírito é, assim, o elemento constitutivo do ser e a chave da existência.

Partindo da análise da matéria, Brito mostra que o que chamamos de “matéria” são apenas corpos percebidos pela resistência, e essa resistência é uma força. Mas toda força, ao ser conhecida, implica pensamento, pois só é conhecida enquanto ideia. Assim, conclui que “há um pensamento envolvendo a totalidade das coisas [...] só o espírito existe realmente” (Brito, 1914/2013, p. 357). O mundo, portanto, é uma manifestação intelectual: tudo o que existe é expressão do espírito. O filósofo define o espírito como “o ser sensível e ativo, o ser consciente [...] o verdadeiro ser” (Brito, 1914/2013, p. 342).

Dessa concepção decorre uma distinção entre dois tipos de fenômenos: os materiais, regidos pela causalidade mecânica, e os psíquicos, regidos pela causalidade espiritual. Por “causalidade psíquica”, Brito (1914/2013) entende a ação livre e intencional do espírito, como fonte de fins, significados e iniciativa, que não se reduz à necessidade mecânica dos processos materiais. A natureza não é composta apenas de fatos físicos, mas também de fenômenos psíquicos que se manifestam na consciência. Assim, o mundo é simultaneamente físico e

espiritual; há unidade entre matéria e espírito, pois este último age sobre a matéria e a transcende. O espírito é a “coisa em si” e, ao mesmo tempo, o princípio vivo de ação e criação (Rodrigues, 2018).

Essa compreensão conduz Brito à formulação de uma Psicologia Transcendente, concebida como ciência do espírito (Almada; Romão, 2025). Ela busca compreender a consciência em relação à totalidade da existência, não como um sistema fechado de relações causais, mas como abertura ao mundo. “O que me esforço por compreender é a realidade mesma [...] e o meu critério é o dos fatos” (Brito, 1912/2006, p. 125). Essa ciência busca a superação definitiva do sofrimento e uma reflexão racional sistemática (Loundo, 2022). No entanto, essa psicologia não substitui a Psicologia Científica, mas a complementa, ampliando seu campo de estudo e resgatando sua dimensão originária: o espírito como fundamento do psíquico (Contarato, 2023).

O método proposto para investigar o espírito é o da introspecção. A introspecção, para Brito (1914/2013), é “a visão interior, por intuição e sentimento” (p. 230), e consiste num mergulho reflexivo na consciência para apreender o sentido das experiências. Diferentemente da observação empírica, trata-se de um movimento ativo, que exige rigor e precisão no exame interior. Por meio da introspecção, é possível alcançar as duas causalidades, a psíquica e a mecânica, e compreender a realidade como expressão do espírito (Brito, 1914/2013).

O filósofo distingue introspecção direta e introspecção indireta. A primeira se refere à observação imediata das próprias vivências; a segunda, ao estudo da alma dos outros, mediante as manifestações exteriores do espírito, recorrendo às “ciências do espírito” como a História e a Arte (Sturm, 1962). Dessa combinação resulta um método que ultrapassa o individual e visa o universal, buscando captar o sentido comum das experiências humanas. Assim, a Psicologia torna-se novamente uma ciência com alma, uma psicologia do infinito, aberta à totalidade do ser (Brito, 1914/2013).

A Psicologia Transcendente, portanto, é mais do que um campo científico: é também um caminho ético e metafísico. Seu objetivo não é apenas descrever os fenômenos psíquicos, mas revelar o espírito que os anima. Ao restabelecer a unidade entre Filosofia e Psicologia, Farias Brito propõe uma renovação profunda do pensamento moderno. O estudo da alma, outrora abandonado pela ciência positivista, torna-se novamente central, pois é no espírito, e não na matéria, que reside o sentido último da existência e a possibilidade de compreender a totalidade da realidade.

4 Paralelismo entre a Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Farias Brito

O primeiro autor a discutir as semelhanças e diferenças entre Edmund Husserl e Raimundo de Farias Brito foi Fred Gillette Sturm (1962), que, no IV Congresso Nacional de Filosofia, em comemoração ao centenário de Brito, sustentou haver um paralelo entre o pensamento e a metodologia dos dois filósofos, associando o brasileiro ao existencialismo e à fenomenologia. Posteriormente, estudiosos como Cerqueira (2008), Almada (2009) e Rodrigues (2018) também reconheceram esse paralelismo, destacando aproximações tanto no vocabulário quanto nos propósitos filosóficos.

O fato mais notável é que Brito não teve contato direto ou indireto com a Fenomenologia de Husserl (Almada, 2009), o que torna as convergências ainda mais significativas. Sturm (1962) sugere que ambas as filosofias podem ter sofrido influência comum do pensamento de William James (1842–1910) e de sua obra *The Principles of Psychology* (1890).

As afinidades entre Husserl e Brito tornam-se evidentes ao se considerar as motivações teleológicas que orientaram suas reflexões. Para Husserl, toda ação humana é motivada e dirigida por fins, o que torna a vontade uma estrutura essencial da subjetividade: “A atividade voluntária é uma atividade orientada para metas, fins, e é neste sentido que ela é teleológica” (Korelc, 2013, p. 346). A vontade, ao projetar um futuro, constitui o próprio sujeito como aquele que persegue uma meta duradoura. Brito (1912/2006), por sua vez, afirma que seu ideal filosófico surge do “interesse pela Verdade” e da busca de uma ordem moral capaz de auxiliar o ser humano a conduzir sua vida. Ambos partem, portanto, de um impulso ético-espiritual: o esforço de reconduzir a humanidade ao sentido.

Enquanto Husserl busca compreender o sentido do ser e da existência humana, Brito direciona sua reflexão para o autoconhecimento do espírito como fundamento de uma nova moral. Em ambos, a filosofia se configura como um movimento de retorno à interioridade, um reencontro com a fonte originária do sentido. Não por acaso, Husserl define a meta da vida humana como “tornar-se o melhor homem possível” (Korelc, 2013, p. 354). O que orienta suas filosofias é, em última instância, o mesmo anseio: restaurar o humano em sua plenitude. Assim, vistos à distância, seus percursos parecem convergentes, constituindo dois projetos de reconstrução da cultura por meio da renovação da Psicologia e da recuperação da subjetividade.

Ambos identificam a crise da modernidade como uma crise de sentido. A ciência, ao restringir-se ao método físico-matemático, afastou-se das questões relativas ao valor e ao

significado da existência. Husserl diagnosticou esse impasse em *Crise das Ciências Europeias* (1954/2012), enquanto Brito o chamou de “grande escuridão”. Ambos rejeitam o positivismo e propõem uma refundação da ciência sobre bases espirituais. Para Husserl, essa refundação ocorre na Fenomenologia Transcendental, que descreve as vivências da consciência e as estruturas da experiência; para Brito, manifesta-se na Psicologia Transcendente, voltada à investigação do espírito e de sua relação com o mundo. Em ambas as perspectivas, a Psicologia aparece como o caminho de reconciliação entre ciência e filosofia.

Sturm (1962) nota que Farias Brito utiliza o termo *Psicologia* em três sentidos: (a) como Psicologia Científica, equivalente à psicologia empírica em Husserl; (b) como Psicologia do Espírito, correspondente à Psicologia Fenomenológica, voltada à vida psíquica em sua pureza; e (c) como Psicologia Transcendente, que se aproxima da Fenomenologia Transcendental ao tratar da totalidade do ser. Contudo, as diferenças são tão importantes quanto as semelhanças. Husserl busca o eu-transcendental (Bello, 2011), condição de possibilidade de toda experiência, enquanto Brito (1912/2006) compreende o espírito como realidade abrangente e imanente a todas as coisas, sem distinguir claramente entre eu empírico e eu transcendental.

Para esclarecer a diferença, Bello (2011) utiliza uma metáfora elucidativa: o vidro da janela. O transcendental em Husserl seria como o vidro que permite ver tanto o interior quanto o exterior do quarto. Ele não é nem o mundo nem o sujeito, mas a condição pela qual um se dá ao outro. A tradição filosófica, segundo Husserl, ignorou essa mediação, oscilando entre o realismo e o idealismo. Brito, por sua vez, não explicita essa distinção: seu espírito inclui tanto o interior quanto o exterior, a consciência e o mundo. Assim, a sua “Psicologia Transcendente” tende a fundir o sujeito e o objeto em uma totalidade espiritual, enquanto a Fenomenologia husserliana mantém a tensão crítica entre ambos.

Alguns comentadores, como Almada (2009), afirmaram que os termos “transcendente” e “transcendental” são equivalentes nos dois filósofos, mas essa leitura é problemática. As expressões “em nada se contrapõem” ou “designam exatamente o mesmo” (Almada, 2009, p. 210) podem sugerir identidade conceitual, o que não corresponde à realidade. A transcendência de Brito diz respeito ao ir além da experiência empírica em direção à totalidade do espírito; já o transcendental de Husserl refere-se à estrutura que torna possível qualquer experiência, sem sair do âmbito da consciência.

Ainda assim, há aproximações metodológicas notáveis. A segunda e a terceira etapas do método introspectivo de Brito, o “desligamento temporário” dos aspectos subjetivo e objetivo, lembram o movimento da *epoché* fenomenológica, que suspende juízos sobre o

mundo para descrever a experiência pura (Sturm, 1962). De modo semelhante, a quarta etapa da introspecção, voltada à compreensão do outro, aproxima-se do conceito de endopatía em Husserl, isto é, da empatia como modo de acesso à consciência alheia. Tais semelhanças revelam um parentesco estrutural entre introspecção e fenomenologia, ainda que enraizadas em contextos distintos.

Em síntese, Brito parte da consciência para permanecer nela, buscando no interior do espírito as respostas para a realidade; Husserl parte da consciência para retornar ao mundo, compreendendo que “é pela vivência do homem no mundo que se conhece o próprio homem” (Rodrigues, 2018, p. 173). Enquanto a Psicologia Transcendente é tentativa de resolver os problemas da filosofia primeira pela via psicológica, a Psicologia Fenomenológica é via de acesso à subjetividade transcendental. Brito procura unir filosofia, ciência e psicologia em uma síntese espiritual; Husserl busca fundamentar epistemologicamente as ciências por meio da fenomenologia.

Apesar das diferenças, ambos convergem naquilo que é mais essencial: a crença de que a crise da ciência é, em última instância, uma crise do humano, e que a sua superação passa pela redescoberta do espírito, da consciência e do sentido. Em Husserl e em Brito, a renovação da Psicologia é também a renovação da própria cultura.

5 Considerações Gerais

A crise da Psicologia, tal como diagnosticada por Edmund Husserl e Raimundo de Farias Brito, reflete uma problemática mais ampla: a perda do sentido do humano na modernidade. O predomínio do positivismo e do naturalismo reduziu o sujeito a objeto, a consciência a mecanismo e a razão a cálculo. Diante desse quadro, ambos os filósofos empreenderam esforços de reconstrução, cada qual a seu modo, mas convergindo em um mesmo horizonte: a necessidade de uma nova Psicologia, capaz de restituir ao homem sua profundidade espiritual e moral.

Husserl encontrou na Fenomenologia Transcendental o caminho para superar o psicologismo e o naturalismo (Davidson, 2021). Ao recolocar a subjetividade no centro da investigação, restabeleceu o elo entre ciência e experiência, entre conhecimento e sentido. Sua Psicologia Fenomenológica não pretende substituir a psicologia empírica, mas fundamentá-la, reconduzindo-a ao seu objeto originário: a consciência em ato (Solarte-Aragón, 2024). Com isso, a Psicologia volta a ser compreendida como ciência das vivências, das estruturas

intencionais e dos modos pelos quais o mundo se constitui para o sujeito (Braga, 2024; Borba, Rocha; Braga, 2023; Natário, 2022).

Farias Brito, por sua vez, propôs a Psicologia Transcendente como via de reencontro entre filosofia, ciência e moral. Em oposição ao materialismo e ao ceticismo, reafirma o espírito como princípio da realidade e da vida. Sua proposta de introspecção rigorosa e reflexiva não se limita à observação do eu individual, mas busca a essência universal do humano. Ao conceber o mundo como atividade intelectual e o homem como “ideia divina”, Brito confere à Psicologia uma função ética e metafísica: conhecer o espírito é conhecer o sentido da existência.

A convergência entre ambos não reside em uma identidade conceitual, mas em uma proximidade de motivações teleológicas. Ambos foram guiados por um mesmo impulso: restaurar a unidade perdida entre razão e espírito, ciência e moral, sujeito e mundo. Em suas obras, a renovação da Psicologia é também a renovação da cultura. Ao reintroduzirem a subjetividade como fonte de sentido, Husserl e Brito antecipam um paradigma de ciência que não se esgota no método, mas se abre à totalidade da experiência humana.

Reconhecer o paralelismo entre Husserl e Farias Brito é reconhecer também a universalidade de suas intuições. Mesmo distantes geográfica e historicamente, ambos compreenderam que a tarefa da filosofia é reencontrar o humano em meio à crise da objetivação. Se Husserl partiu da consciência intencional para alcançar o mundo, Brito partiu do espírito para abarcar a totalidade. E, embora linguagens e métodos divirjam, o núcleo ético-espiritual que os anima é comum: a busca pela verdade que liberta e pela razão autêntica que orienta o viver.

Assim, a leitura comparativa de suas obras revela mais do que um simples paralelo histórico: evidencia um encontro de destinos filosóficos que, ao pensarem a Psicologia, refletiram sobre a própria condição humana. Ambos apontam para uma ciência renovada, fundada na interioridade, no sentido e na responsabilidade moral. A Fenomenologia de Husserl e a Psicologia Transcendente de Brito permanecem, portanto, como convites ao retorno ao espírito e à consciência, fundamentos de uma Psicologia verdadeiramente humana e de uma cultura reconciliada consigo mesma.

A obra dos dois filósofos é vastíssima e ainda pouco explorada. Cabe, portanto, destacar que novas pesquisas podem revelar outros paralelismos, divergências e razões. De todo modo, o pensamento de ambos supera os motivos da crise da humanidade ao reconectá-la com a razão autêntica, e suas propostas de uma nova Psicologia, distintas da Psicologia Científica, abrem caminhos para a renovação da cultura.

Referências

ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.

ALMADA, L. F. **A ideia de filosofia como ciência do espírito no Brasil**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2009.

ALMADA, L. F.; ROMÃO, F. P. Filosofia, o domínio de si e a significação da existência: um legado da filosofia brasileira. **Ágora Filosófica**, v. 25, n. 2, p. 57–70, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n2.p57-70>.

ALMEIDA, E.; GOTO, T. A. O Eu como polo de atividades e hábitos. **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 14, n. 2, 2022.

ALVES, P. M. dos S. A relevância da fenomenologia husserliana para uma psicologia centrada na subjetividade humana. **RPD**, v. 22, n. 47, p. 1–15, 2022.

BORBA, J. M. P.; ROCHA, J. G.; BRAGA, J. O. Da delimitação da psicologia fenomenológica à necessidade de retorno ao mundo da experiência pré-científica. **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, 2023.

BRAGA, J. O. Meditações husserlianas relativas à psicologia fenomenológica, escritos de 1925, parágrafos 5 e 6: implicações para as abordagens psicoterápicas humanistas. **PHS Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 16, 2024.

BRANCO, D. A unidade na fenomenologia de Edmund Husserl. **AUFKLÄRUNG**, v. 11. n. 2, p. 117–126, 2024.

BRAVO GONZÁLEZ, J. Os escritos de Edmund Husserl. In: SERRANO DE HARO, A. (Org.). **Guia Comares de Husserl**. Granada: Editorial Comares, 2021. p. 19–34.

BRITO, R. F. **A base física do espírito**. v. 53. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1912/2006.

BRITO, R. F. **O mundo interior**: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Uberlândia: Edufu, 1914/2013.

CARVALHO, L. R. **A formação filosófica de Farias Brito**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

CARVALHO, G. F. **Edmund Husserl e a fundação do idealismo fenomenológico-transcendental**. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2024.

CAVALIERI, E. **Via a-teia para Deus e a ética teleológica a partir de Edmund Husserl**. Vitória: Edufes, 2013.

CERQUEIRA, L. A. **Maturidade da filosofia brasileira: Farias Brito**. 2008. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2008/08/maturidade-da-filosofia-brasileira.html>. Acesso em: 01 dez. 2019.

CONTARATO, T. S. R. Filosofia, psicologia e arte segundo Raimundo de Farias Brito. **ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 14, n. 1, 2023.

CROWELL, S. Husserl's transcendental phenomenology. *In*: JACOBS, H. (Org.). **The Husserlian mind**. Londres: Routledge, 2021. p. 140–154.

DAVIDSON, L. **Overcoming psychologism**: Husserl and the transcendental reform of psychology. Springer, 2021.

DE SANTIS, D. **Husserl and the a priori**. Springer, 2021.

DRUMMOND, J. J. Husserl's complex concept of objectivity. *In*: JACOBS, H. (Org.). **The Husserlian mind**. Londres: Routledge, 2021. p. 327–339.

FERRAGUTO, F. Fichte and Husserl: rigorous science and the renewal of humankind. *In*: COE, C. D. (Org.). **The Palgrave handbook of German idealism and phenomenology**. Londres: Palgrave Macmillan, 2021.

FERREIRA, D. Edith Stein: entre a psicologia de William Stern e a fenomenologia de Edmund Husserl. **Revista NUFEN**, v. 13, n. 1, 2021.

FONTANA, V. F. Epoché como abertura ao campo de experiência transcendental em Husserl. **PHS Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 4, n. 4, e48, 2024.

GYEMANT, M. **Husserl et Freud, un héritage commun**. Classiques Garnier, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOTO, T. A. **Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, 2015.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Covilhã, Portugal: LUSOSOFIA, 1935/2008.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia transcendental. BIEMEL, W. (Ed.); FERRER, D. F. (Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1954/2012.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. MORÃO, A. (Trad.). Lisboa: Edições 70, 1907/2000.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. SUZUKI, M. (Trad.). São Paulo: Idéias e Letras, 1913/2006.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas**. ALVES, P. (Trad.). Lisboa: Phainomenon – Clássicos de Fenomenologia / CFUL. 1931/1950.

KORELC, M. Teleologia e vontade segundo Husserl. **Educação e Filosofia**, v. 27, n. 53, p. 343–382, 2013.

KORELC, M. Deus como princípio necessário na fenomenologia de Husserl. **PHILÓSOPHOS**, v. 28, n. 1, p. 1–43, 2023.

KURAVSKY, E. Neither philosophy nor theology: the origin in Heidegger's earliest thought. **Open Theology**, v. 7, p. 180–207, 2021.

LAUER, L. F. N. **Lógica e ontologia na lógica pura do jovem Husserl**: um estudo sobre dois aspectos da dimensão formal. Florianópolis. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Catarina. 2021.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**, v. 10, n. spe., p. 37–45, 2007. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

LOUNDO, D. O Cordel Filosófico de Raimundo: Farias Brito, a filosofia do espírito e a Índia. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 11, n. 1, p. 30–83. 2022.

MARTÍN SALA, J. J. S. **La fenomenología de Husserl como utopía de la razón: introducción a la fenomenología**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2008.

MARTÍN SALA, J. J. S. Psicologia e fenomenologia. **Revista do NUFEN**, v. 10, n. 3, p. 1–21. 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo33>.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. MOURA, C. A. R. (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1945/1999.

MIRON, R. **Hedwig Conrad-Martius: the phenomenological gateway to reality**. Springer, 2021.

NATÁRIO, P. M. C. **As psicologias de Husserl**. Lisboa. Dissertação (Mestrado). Universidade de Lisboa, 2022.

PORTA, M. A. G. Prolegômenos aos “Prolegômenos”: sobre o lugar das “Investigações lógicas” no **Psychologismustreit**. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 2, n. 3, p. 356–365, 2021.

RENAUDIE, P.-J. The first breakthrough: psychology, theory of knowledge, and phenomenology of meaning in *Logical Investigations*. In: JACOBS, H. (Org.). **The Husserlian mind**. Londres: Routledge, 2021. p. 7–21.

RODRIGUES, E. G. **A consciência de si como liberdade e ação moral: evidências imanentes e transcendentais do espírito**. Rio de Janeiro, Brasil. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2018.

SERON, D. Experiencing the a priori. **European Journal of Philosophy**, v. 29, n. 4, p. 1145–1163, 2021.

SOLARTE-ARAGÓN, C. C. La psicología fenomenológica de E. Husserl y J. Patočka: una propuesta ética y epistemológica. **Revista de Psicología Universidad de Antioquia**, v. 16, n. 1, e355063, 2024.

STURM, F. G. (1962). **O significado atual do pensamento britânico**. Disponível em: <http://textosdefilosofiabrasileira.blogspot.com/2008/06/o-significado-atual-do-pensamento.html>. Acesso em: 15 dez. 2019.

VARGAS-GUILLÉN, G. **El cuidado del alma: alzarse, conmoverse. De Patočka a Comenio**. Universidad Pedagógica Nacional, 2024.

YOSHIMI, J. Phenomenological psychology as philosophy of mind. *In*: JACOBS, H. (Org.). **The Husserlian mind**. Londres: Routledge. 2021. p. 446–458.

ZILLES, U. A fenomenologia husserliana como método radical. *In*: HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2002. p. 6–42.